Carne suína

Perspectiva do mercado japonês

Gutemberg Barone A. Nojosa*

O JAPÃO é o maior importador de carne suína do mundo, à frente da Rússia, China, México e Coreia do Sul, e, justamente por isso, pode representar grande oportunidade para a carne suína brasileira. Contudo, diante das perspectivas e de um possível otimismo, é necessário fazer uma análise sobre o mercado japonês para conhecer melhor quais são os concorrentes do produto brasileiro e de que forma a carne suína do nosso país chegará a este país.

Mercado de carne suína do Japão

O rebanho suíno japonês, em 2011, consistia em torno de 9,76 milhões de animais, praticamente o mesmo da Tailândia e cerca de 1,95 milhões de cabeças a mais que Santa Catarina. O consumo *per capita* do Japão é estimado em cerca de 19,3 kg *per capita*, muito abaixo do consumo europeu (41,8 kg) ou mesmo de países como a China (38 kg) e os Estados Unidos (27,1 kg), porém acima do consumo brasileiro, de 15,1 kg *per capita*.

De 1991 a 2011, o Japão tem mantido uma comercialização média de cerca de 1,56 milhões de toneladas. Em 2004, ocorreu um pico de comercialização, com cerca de 1,75 milhões de toneladas, sendo que 51% foram provenientes do mercado local e 49% importados. Em 2011, o país comercializou cerca de 1,6 milhões de toneladas. Deste total comercializado, o mercado doméstico foi responsável por 53%, valor cerca de 2% acima do registrado em 2004 e 3% abaixo da participação doméstica ocorrida em 2001. No ano passado, as importações somaram US$ 5,28 bilhões, cerca de 3,16 vezes o valor importado em carne de aves. Considerando as dimensões do mercado japonês, talvez esse seja o maior mercado importador que o Brasil poderá acessar em breve e também seja importante para diminuir a concentração das exportações brasileiras em mercados como o da Rússia.

Atuais fornecedores de carne suína para o Japão e principais produtos

O Japão tem mais de 88% de suas importações concentradas em cinco países: Estados Unidos, Canadá, Dinamarca, México e Chile. Os países do NAFTA detêm mais de 67% do total importado. O Chile detém cerca de 3,6% das importações e a parcela restante (11,9%) dividida entre outros países. Contudo, a participação desses cinco países é variável, dependendo do tipo de produto importado e de sua classificação no código HS (Harmonized System Code).

Preços da carne suína do Japão: preços ao produtor, importador e produto nacional

Produtos diferenciados sempre obtêm um preço mais elevado no Japão, porém há diferentes fatores para caracterizar um produto como diferenciando para o consumidor japonês. Um exemplo é a carne do porco preto, chamado de "kurobuta". Este tipo de carne, em geral, tem um valor muito superior à carne de porco comum comercializada nos restaurantes do Japão. O mercado japonês tem preços estratificados conforme tipo de comercialização, produto, origem, qualidade e preço, entre outros fatores.

O preço pago ao produtor japonês por quilo de carcaça de suíno, entre 1992 e 2011, tem sido em média cerca de 301,45 ienes (US$ 3,77) e, em 2008, atingiu a média de 340 ienes (US$ 4,25). Em geral, o produto japonês sempre tem um preço maior, por exemplo, o preço do lombo japonês no varejo está na faixa de 2.000 a 2.500 ienes/kg, enquanto o similar importado é vendido na faixa de 1.500 a 2.000 ienes/kg. Esses são alguns exemplos dos preços praticados para a carne suína no Japão e que deverão ser observados no futuro com mais detalhes pelos possíveis fornecedores do produto brasileiro. Outro aspecto importante é que, dependendo do produto importado que estiver fora da faixa de preço de gatilho estabelecida com base em valor praticado no mercado local, o Japão aplica um sistema de tarifa, que pode variar de 361 a 482 ienes/kg (US$ 4,51 a US$ 6,02/kg) ou 4,3% para países da OMC. Importante ressaltar que esses valores são superiores aos preços médios pagos ao produtor japonês.

Logística até o Japão: a desvantagem dos produtos brasileiros

A carne suína de Santa Catarina terá literalmente um longo caminho a percorrer até chegar aos portos do Japão.

O trajeto deverá ser longo e feito de navio, o que implicará cerca de quarenta a quarenta e cinco dias pelo menos, que é o tempo gasto atualmente, por exemplo, para transportar a carne de frango. O produto brasileiro terá desvantagem logística considerável em relação aos concorrentes e atuais fornecedores do produto ao Japão. A carne suína dos Estados Unidos e Canadá, por exemplo, consegue chegar aos portos nipônicos em cerca quatorze a dezesseis dias, ou seja, a desvantagem brasileira pode ser de até trinta e um dias em relação aos seus concorrentes. Assim, será difícil fornecer produtos como carne refrigerada da forma que fazem os Estados Unidos, Canadá e outros países.

Situação das negociações para abertura do mercado de carne suína do Japão

As negociações para a abertura do mercado japonês para a carne suína brasileira foram iniciadas em 2006. O Japão, a princípio, só reconhecia países livres de febre aftosa (FMD) sem vacinação, ou seja, todo o Brasil deveria ter essa condição para exportar. Contudo, o Acordo de Medidas Sanitárias e Fitossanitárias da Organização Mundial do Comércio (SPS/OMC) prevê que os países devem reconhecer o principio da regionalização, ou seja, devem garantir que suas medidas sanitárias ou fitossanitárias estejam adaptadas às características da área – seja todo o território de um país, parte do território de um país ou todas as partes do território de vários países – da qual o produto é originário e para a qual o produto é destinado.

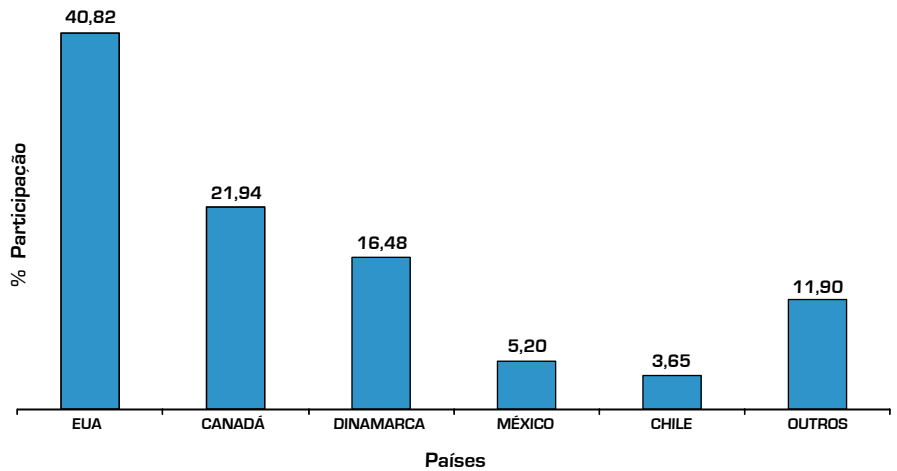
Assim, em 2007, quando Santa Catarina recebeu a classificação de estado livre de FMD sem vacinação perante a OIE (World Organisation for Animal Health), o Brasil continuou a negociação com as autoridades japonesas para que fosse realizada uma avaliação de risco para o produto brasileiro com base técnica e científica. Em 2008, o Japão implementou nova norma, que regulamenta os procedimentos para aprovação de itens sujeitos a quarentena, como é o caso de carnes *in natura*. Em 2010, com base na nova legislação, o Japão analisou as respostas apresentadas pelo Brasil a diversos questionamentos técnicos e, em 2011, aceitou as respostas e realizou uma missão de avaliação de risco no Brasil. No final de agosto de 2012, o Japão reconheceu o estado de Santa Catarina (SC) como livre das doenças febre aftosa, peste suína clássica e peste suína africana. Assim, foi concluído o processo de avaliação de risco e aberto caminho para a negociação das condições que permitirão o acesso da carne de SC ao mercado japonês.

A abertura do mercado japonês de carne suína tem sido tema prioritário para o MAPA e para a Embaixada do Brasil em Tóquio, e ambos têm realizado grande esforço para a conclusão do tema. No momento, as autoridades brasileiras e japonesas estão negociando os requisitos sanitários e o modelo de Certificado Zoossanitário Internacional (CZI). Há expectativa por parte das autoridades brasileiras de que esses requisitos sejam definidos em 2012.

Cenário futuro para a possível participação brasileira no mercado japonês

Ainda não é possível afirmar com precisão qual será a participação do Brasil no mercado japonês de carne suína. Porém, considerando diferentes fatores, inclusive os aspectos logísticos, os custos de produção e outros detalhes que influenciam o preço final da carne suína fornecida ao Japão, é possível fazer algumas inferências. A primeira é que a carne brasileira terá maiores condições de participar, principalmente do mercado de carnes congeladas e não do mercado de carnes *in natura* ou refrigeradas. Além disso, considerando que, a principio, será necessário estabelecer laços comerciais com importadores e, ainda que haja preferências tarifárias em favor de alguns dos atuais fornecedores, também pode deduzir-se que, no início, o produto brasileiro terá possibilidade de participar da parcela de cerca de 11% atribuída a outros fornecedores minoritários. Esse é o cenário inicial para a futura participação brasileira no mercado japonês de carne suína, porém há muitos fatores que podem alterar esse quadro, favorecendo, ou não, a participação do produto brasileiro. ■

Principais fornecedores de carne suína para o Japão em 2011



Fonte: elaborado a partir de dados do Ministério das Finanças do Japão (MOF)

Este artigo reflete a opinião do autor e não da instituição que representa.

*Engenheiro agrônomo, fiscal federal agropecuário, adido agrícola na Embaixada em Tóquio – Japão, MAPA